

Biblioteca Anarquista



Vida sensual. Camaradagem amorosa.

Émile Armand

Émile Armand

Vida sensual. Camaradagem amorosa.

1956

Adquirido de lib.anarhija.net em 2024

Título original: Sensual life. Amorous Camaraderie. Traduzido por Contraciv, 2024.

bibliotecaanarquista.org

1956

Conteúdo

Considerações sobre a ideia de liberdade	4
O que é amor?	6
O ambiente social e as relações sexuais.	9
Teoria da liberdade sexual	11
Educação sexual	13
A emancipação dos sentimentos	16
A separação	18

Por que as abelhas engordam suas rainhas da mesma forma que só fazemos com nossos cantores de ópera? Esta é uma pergunta que merece ser contemplada.

Bernard Shaw. Homem e Super-homem, 1946.

Considerações sobre a ideia de liberdade

mesmo espírito, mas sem viver com ela, e também amar C e D por um puro capricho. O mais importante é que todas as intenções sejam claras.

Se, para os individualistas, impor uma separação em questões amorosas pode ser considerado uma função da conservação de sua independência ou personalidade, essa ruptura, no entanto, não pode comprometer o camarada a quem é imposta. Alguns individualistas acabam dizendo que quem deseja a separação deve garantir que o outro tenha encontrado um equivalente para compensar a perda, ou, pelo contrário, obtê-lo. Eles dizem que o método de equivalência é o único científico; dizem que responde à ideia de compartilhamento de energia e compensação. Para eles, o caminho do desejo arbitrário está fechado — sem ele, o elemento compensatório borbulha em "represálias" e vingança, inadmissível entre bons camaradas.

Dito isso, está claro que, em última análise, impor uma separação deve acabar confortável. Mas nem todos reagem da mesma maneira. Alguns aceitam a situação sem objeções e outros se sentem impelidos a apresentar e fazer ouvir as considerações de sua natureza particular. Esses outros podem estar pensando que seu ente querido está sob a influência de alguma energia estrangeira ou retrógrada. O individualista pode defender sua causa ao camarada, e o camarada ouvirá esses argumentos, examinando se o primeiro é capaz de mudar de ideia. O individualista pode fazer um esforço para persuadir; se impulsionado pelo determinismo, insistindo, como faz com sua propaganda diária, em atrair outros para as ideias que professa. E não devemos nos alienar dessa insistência.

Mas em nenhum caso os individualistas que desejam impor uma separação e aqueles que se opõem a ela recorrerão à sanção legal ou à violência física. O emprego desses meios os excluiria ipso facto do individualismo anarquista.

Antes de apresentar a perspectiva anarquista individualista sobre a questão sexual, é necessário esclarecer o que entendemos pela expressão "liberdade". Sabe-se que a liberdade não pode ser um fim, pois não existe liberdade absoluta, assim como não existe verdade geral, falando praticamente. Existem apenas liberdades individuais, particulares. É impossível escapar de certas contingências. Não se pode ser livre, por exemplo, de respirar, de tomar coisas, de ser único. Liberdade, como verdade, pureza, bondade, igualdade, nada mais é do que uma abstração. E uma abstração não pode ser um objetivo.

Considerando, pelo contrário, que de um ponto de vista particular, a liberdade é compreensível quando não é uma abstração, quando há meios de alcançá-la, quando se toma o caminho em direção a ela. Nesse sentido, a liberdade de pensar, de poder conceber e fazer coisas sem obstáculos externos no caminho, de expressar através de palavras ou escrita os pensamentos conforme se formam no espírito, faz sentido.

É precisamente por isso que só existem liberdades particulares em possibilidade; saindo do domínio do abstrato, colocando-nos em terreno sólido, podemos afirmar que "nossas necessidades e nossos desejos" — mais do que nossos "direitos", uma expressão abstrata e arbitrária — foram-nos recusados, mutilados ou encobertos por autoridades de vários tipos.

Vida intelectual, vida artística, vida econômica, vida sexual — os individualistas exigem a liberdade para que essas coisas se manifestem plenamente, de acordo com os indivíduos, ao ritmo de sua liberdade, fora das concepções legalistas e dos preconceitos religiosos ou civis. Eles exigem, considerando-as como grandes rios dos quais a atividade humana flui, que sejam livres para seguir sua própria direção sem serem represadas pelo moralismo ou pelo tradicionalismo. Ainda mais, que não sejam impedidas por erro impetuoso, por nervos tensionados demais, por impulsos retrógrados. Entre a vida ao ar livre e a vida na vitrine, escolhemos a vida em liberdade.

O que é amor?

As palavras SEMPRE e NUNCA têm uma aparência dogmática demais para fazer parte do vocabulário do individualista.

A experiência da camaradagem amorosa começa no momento em que dois seres gostam um do outro; se não em detalhes, pelo menos a grosso modo. Geralmente isso acontece sem que ninguém se preocupe com o futuro, e também pode acontecer após um longo período de reflexão. Pode ocorrer quando alguém ama em geral, e o outro deseja em particular. A partir do momento em que um dos participantes declara, de antemão, que não considera a experiência amorosa um capricho, o experimento continua, até que se verifique se ambos estão de acordo. Entre nós, descobrimos que temos espírito científico demais para tirar conclusões de encontros fortuitos. Sabemos perfeitamente bem que, da mesma forma que o canto da andorinha não faz a primavera, nem uma ou duas horas de amor revelam tudo o que as pessoas envolvidas são capazes de manifestar.

Teoricamente, a experiência amorosa pode durar uma hora, um dia ou dez anos. Pode durar um instante ou pode continuar por toda a vida de uma pessoa. Praticamente, ela termina quando aqueles que a viveram concordam em encerrá-la, ou quando quem anuncia seu desejo de interrompê-la obtém o acordo sincero de seu co-experimentador. Impor o término de uma experiência amorosa a um ser humano é um ato de autoridade (voluntário ou não), assim como é um ato de autoridade impor o fim da convivência. Fazer alguém aceitar uma ruptura amorosa exige um tato refinado, uma delicadeza extrema, requer a tomada de várias precauções. Palavras perversas, insinuações malévolas, reprovações amargas — essas são armas que os individualistas anarquistas se recusam a usar. Sua maior preocupação é evitar o sofrimento daqueles que querem deixar para trás. A prática da poliamoria permite o prolongamento da experiência amorosa e evita toda brusquidão. Em qualquer caso, nesse caso, é sempre entre camaradas que se encerra uma experiência amorosa: sem ofensas, suavemente; entre camaradas dispostos a começar de novo amanhã, conforme o caso. Entre nós, nenhuma experiência, de qualquer tipo, termina definitivamente.

Pessoas com natureza inconsistente, se se declararem imediatamente, dão àqueles que temem sofrer uma oportunidade de saber como se comportar, de saber no que podem acreditar. Se essa clareza existe, não há possibilidade de dissimulação, fraude ou engano. Um camarada pode, por exemplo, amar uma certa pessoa, A, com a intenção de prolongar a experiência amorosa e viver junto, e também amar outra pessoa, B, com o

A separação

O amor é um dos aspectos da vida e o mais difícil de definir, porque as perspectivas a partir das quais pode ser considerado são muito diversas. Às vezes a satisfação da necessidade sexual, uma emoção, uma sensação que escapa à compreensão é chamada de "amor", e outras vezes um sentimento que vem da necessidade espiritual de camaradagem íntima e afetuosa, de uma amizade profunda e persistente é chamado de "amor". Outras vezes, além de tudo isso, é até um ato reflexivo de vontade cujas consequências foram presumivelmente ponderadas. O amor também é uma experiência da vida pessoal: aqui e ali encontramos experiências impulsivas, puros caprichos, e experiências que podem durar muitos anos ou a vida inteira.

Embora o amor não escape à análise mais do que os outros domínios da atividade humana, sua análise apresenta mais dificuldades. O amor está "além do bem e do mal". Alguns o pintam como o "filho da boemia", outros lhe atribuem "razões que a razão ignora", muitos o consideram "mais forte que a morte". É, essencialmente, de natureza individual. Se é sentimento, também é paixão. Sempre que uma pessoa vive sua vida de maneira afetivamente intensa — seja essa intensidade proveniente do sentimento ou da paixão — influencia seu caráter, desperta o espírito, é propícia ao "heroísmo", mas também traz consigo sentimentos de desânimo, tristeza e ansiedade sombria. Se o raciocínio e a vontade podem, em certos casos, canalizar o desenvolvimento desses sentimentos, eles não tiram o sentimento e a paixão característicos do amor.

Como as coisas são, a humanidade é composta por seres de diferentes sexos cuja união é indispensável para a perpetuação da raça humana.

Até que pessoas sem sexo (eles esperariam) possam ser criadas em laboratórios biológicos, essa indispensabilidade continuará, e desde que esse dia amanhecer levará muito tempo para chegar, será necessário falar das diferenças humanas desse tipo.

Mas não apenas a continuação da espécie humana está ligada à atração de pessoas de ambos os sexos, a natureza faz com que os dois sexos se atraiam mutuamente, e que o ato sexual seja a fonte de uma felicidade voluptuosa que o ascetismo depravado e o puritanismo farsesco gostariam de desonrar ou manchar com infâmia. No entanto, eles nunca chegarão a considerá-lo um ato doentio, uma vez que faz parte da natureza humana.

O próprio fato de que a procriação pode ser voluntária e que seu exercício pode ser consequência da escolha livre da mulher não suprime de forma alguma a atração sexual.

Os sexos se atraem, buscam-se, naturalmente, normalmente — este é o fato original, primordial, a base fundamental das relações entre as duas metades da raça humana.

Por outro lado, é insano tentar reduzir o amor a uma equação ou limitá-lo a uma forma de expressão. Aqueles que tentarem isso descobrirão imediatamente que estavam caminhando na direção errada. A experiência amorosa não conhece fronteiras, não tem limites. Varia de indivíduo para indivíduo.

A emancipação sentimental consiste, do nosso ponto de vista, não em negar, inferiorizar ou desvalorizar os sentimentos, mas em colocá-los onde pertencem — no plano físico, fisiológico. Em todas as áreas da vida há pessoas inclinadas, em vez disso, a colocar seus sentimentos (suas simpatias sexuais ou amorosas) em um plano metafísico. Convenientemente, o individualista emancipou-se dessa ilusão. Sentimentos, sentimentos, são percepções experimentadas, aquelas percepções que o eu, na presença de outros seres que não são eu — o eu intuitivo e sentimental, o eu sexual se quiser — A impressão sentimental que um ou vários não-‘eu’s produzem pode ser mais ou menos impulsiva, viva, poderosa, marcada, durável: essa impressão não é rústica nem inexplicável; pode ser perfeitamente elucidada, raciocinada, analisada. É uma manifestação dos sentidos como as demais; não é mais nem menos moral — é, simplesmente, ”além do bem e do mal”.

O sentimento é de natureza individual, mas é suscetível à educação, à conversa, à aculturação intensiva e extensiva, como tudo o que faz parte do domínio dos sentidos, tudo o que impulsiona a sensibilidade. Pode-se querer ser mais sentimental do que se é, e isso pode ser alcançado, da mesma forma que se pode, com os cuidados adequados, fazer uma árvore ou a terra produzir frutos mais bonitos ou espinhos maiores. Pode-se, observando cuidadosamente, aprender a ser um bom amante, a ser terno, afetuoso, carinhoso, assim como se pode aprender a ser marinheiro ou falante de uma língua estrangeira. Certamente é uma questão de temperamento, mas também é uma questão de vontade; de reflexão, da busca por gostos pessoais.

Assim, do ponto de vista sentimental, tudo é liberado que faz os sentimentos se encaixarem, nas manifestações da sensibilidade individual, entre os produtos da constituição vital da personalidade. Tudo, sentimentalmente falando, é liberado considerando os sentimentos como um produto suscetível — como todos os produtos da sensibilidade humana — de desenvolvimento, intensificação, melhoria ou vice-versa.

A emancipação dos
sentimentos

O ambiente social e as
relações sexuais.

Sensual, sentimental ou afetiva, uma grande duplicidade é imposta às relações sexuais. O amor legal é para muitas pessoas o único que conhecem; ou seja, a união vitalícia de dois seres que geralmente não se conheciam tão bem antes de seu "casamento", que em seu flerte e relacionamento antes do casamento e nele geralmente escondem seu verdadeiro caráter e, apesar da possibilidade de divórcio, tendem a ter dificuldade em se separar sem graves inconvenientes sociais ou econômicos.

A união livre em si é apenas ligeiramente diferente do casamento quando se acomoda ao costume. Quanto à conveniência, um grande número de pessoas que são naturalmente 'mutáveis' ou 'instáveis' têm que parecer ser 'constantes' ou 'estáveis'. Daí resulta que as pessoas vivem juntas e acabam sofrendo torturas reais e o desconforto 'constrangedor' da hipocrisia doméstica. Acaba que os dois refinam suas superficialidades juntos, tentando esconder um do outro seu verdadeiro temperamento, e gerando intrigas que exigem uma mentira permanente. Tudo isso resulta na redução do caráter das pessoas e, geralmente, da personalidade.

Existe algo menos normal do que as consequências práticas, na vida de algumas mulheres, de concepções como castidade e pureza sexual? A infâmia, aceita por todos, que tolera duas moralidades sexuais, uma para mulheres e outra para homens? Existe algum lugar onde as mulheres são mais escravizadas, onde ela é feita mais ignorante e colocada mais brutalmente sob um jugo?

Todas as sociedades legal e obrigatoriamente constituídas só podem ser hostis a amores irregulares. Para considerar a expressão normal do amor, a atração sexual natural, é necessário que a preocupação pela anatomia individual predomine sobre todas as outras coisas.

Ao amor-escravo, o único tipo de amor que as sociedades autoritárias podem tolerar, o anarquista individualista opõe o amor livre. À dependência sexual, isto é, ao conceito dominante que exige que a mulher seja principalmente nada além de carne de prazer, o individualista opõe a liberdade sexual, ou seja, a liberdade para cada indivíduo, de ambos os sexos, de ter sua vida sexual sob seu próprio controle, de determiná-la de acordo com seus desejos e as aspirações de seu temperamento sensual ou sentimental.

de variar suas experiências ou de permanecer com um único parceiro; em outras palavras, 'fazer o que quiser'.

Fazer os fenômenos afetivos penetrarem na experiência cotidiana não é uma forma para os individualistas diminuírem a importância do fator 'amor' na evolução da existência humana.

Nos pouparíamos de certas decepções e repulsas se fizéssemos certos fatos da vida, em vez de considerá-los definitivos, aparecerem temporários, modificáveis, revisáveis; essencialmente variáveis. Isso, que já é aceito do ponto de vista científico e intelectual, muitas vezes não é aceito do ponto de vista sentimental, afetivo ou sexual; não sabemos por quê. Além disso, não basta aceitar essa ideia hipocritamente e praticá-la clandestinamente. Os individualistas exigem a busca e a prática da "liberdade sexual" e exigem para ela a mesma publicidade que é dada às outras "liberdades", convencidos de que seu desenvolvimento e evolução estão ligados não apenas ao crescimento da lealdade individual e coletiva, mas em grande medida também ao desaparecimento do regime autoritário.

Acreditamos que os espíritos verdadeiramente avançados de uma era são os emancipadores dessa era, e que devem se preocupar em se educar com os melhores educadores sexuais disponíveis; eles nunca devem deixar passar a oportunidade de propagar e afirmar a importância da educação sexual. Um ser humano deve saber não apenas que delícias — sentimentais, emocionais, físicas — nos são reservadas pela vida sexual, mas também quais responsabilidades ela implica. Uma educação sexual séria não ignoraria o problema de tornar a procriação voluntária, nem ignoraria a tese de que “é a mulher quem escolhe quando conceberá”. Ou até aquela opinião “extrema” de que “a sociedade deve permitir que a mulher escolha abortar seus filhos ou entregá-los à coletividade para que os crie.” Também trataria do assunto dos métodos contraceptivos e outras precauções que se deve tomar para evitar os efeitos temíveis das doenças venéreas. A propaganda da liberdade do amor é indispensável para levar cada indivíduo à reflexão séria sobre os efeitos negativos dessas doenças, à consciência de seus sintomas, informações muitas vezes deixadas ao mistério ou tratadas levianamente.

Os individualistas não separam “liberdade da vida sexual” da “educação sexual”. E é importante que aqueles que sabem ensinem aqueles que não sabem. É uma responsabilidade elementar.

Contrário aos preconceitos de ordem religiosa ou civil, os individualistas consideram a questão das relações sexuais da mesma forma que tratariam qualquer questão. Eles não excluem a voluptuosidade sexual da experiência de vida como um todo: colocam-na no mesmo nível que a voluptuosidade intelectual (artística, literária, etc.), ou até mesmo moral, ou econômica.

Quando os anarquistas individualistas exigem liberdade da vida sexual — em todas as circunstâncias, dentro e fora do casamento — eles não se pronunciam a favor nem contra a monogamia ou a poliamoria. Apoiar dogmaticamente um ou outro é igualmente anti-individualista.

Os individualistas pedem que a experiência amorosa não seja qualificada como mais ou menos legítima, como superior ou inferior, seja ela simples ou plural. Eles exigem que todos se instruam sobre todas essas coisas, e que nem pais, mães, nem colegas aproveitem sua situação privilegiada para mantê-las escondidas daqueles que confiam neles e colocam sua confiança (por obrigação familiar ou de outra forma) neles. A cada pessoa pertence o direito de determinar sua vida sexual como lhe agrada,

Teoria da liberdade sexual

Quando os individualistas anarquistas exigem liberdade sexual, o que eles querem dizer? É “liberdade para estuprar” ou de privação, que eles querem? Eles esperam a extinção de todo sentimento em questões amorosas, o desaparecimento da ternura ou do afeto? Eles glorificam, talvez, a promiscuidade irresponsável, ou a satisfação sexual bestial? Não. Simplesmente queremos que cada indivíduo tenha o direito de dispor de sua vida sexual de acordo com seu próprio capricho, e em todas as circunstâncias dessa vida — de acordo com seu próprio temperamento, sentimento ou razão. Atenção: isso significa a própria vida sexual, não a dos outros. Não exigimos liberdade sexual sem educação sexual. Pelo contrário, acreditamos que, gradualmente, no período anterior à puberdade, os seres humanos não devem ignorar nada sobre a vida sexual — ou seja, a atração inevitável dos sexos — seja considerada em seus aspectos sentimentais, emocionais ou fisiológicos.

Assim, “liberdade de vida sexual” não é sinônimo de “perversão” ou de “perda de sensibilidade sexual”. A liberdade sexual é exclusivamente de ordem individual. Ela pressupõe uma educação da vontade que permitiria a cada um determinar por si mesmo o ponto em que não mais está no controle de suas paixões ou inclinações, uma educação que talvez se mostraria muito mais instintiva do que parece à primeira vista. Como todas as liberdades, a liberdade sexual requer esforço — não o da abstinência; a abstinência é uma prova de insatisfação moral, da mesma forma que a privação é um sinal de fraqueza moral — mas de julgamento, de descrição, de classificação. Em outras palavras, não se trata da quantidade ou do número de experiências, mas da qualidade do experimentador. Para concluir, a liberdade da vida sexual permanece unida, no sentido individualista, com a educação sexual preparatória e o poder de determinação individual. Julio Guesde escreveu em 1873 que “as relações sexuais entre mulheres e homens, fundadas no amor ou na simpatia mútua, então se tornarão tão livres, tão variadas e tão multiplicadas quanto as relações intelectuais e morais entre pessoas do mesmo ou de diferentes sexos.” Nós, realistas, atualistas, afirmamos essa tese; que as relações sexuais entre homens e mulheres (exceto aquelas que o temperamento individual impede) podem agora se tornar tão livres, tão variadas e tão multiplicadas quanto as relações intelectuais ou morais entre humanos são, ou deveriam ser.

Educação sexual